

O hominizado: comunicação e existência em Vilém Flusser

The hominized: communication and existence in Vilém Flusser

Oliver Bidlo

Foi professor na Ruhr-Universität Bochum, na Hochschule Fulda e na Universität Duisburg-Essen. Membro da Deutsche Gesellschaft für Soziologie e da Martin-Buber-Gesellschaft. Autor de, entre outros, *Martin Buber: Ein vergessener Klassiker der Kommunikationswissenschaft?* ("Martin Buber: um clássico esquecido da ciência da comunicação?") (2006) e *Vilém Flusser: Einführung* ("Introdução a Vilém Flusser") (2008).

Tradução:

Nelson Shuchmacher Endebo

Possui dupla formação em Letras pela Portland State University, nos EUA (2013). Pesquisador do DAAD na Ruprecht-Karls-Universität Heidelberg (2012-13). Atualmente é Mestrando em Comunicação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

E-mail: nendebo@gmail.com

SUBMETIDO EM: 20/02/2016

ACEITO EM: 11/03/2016

DOSSIÊ

RESUMO

No pensamento de Vilém Flusser, comunicação, cultura e existência são radicalmente entrelaçadas. O presente artigo pretende apresentar como essa relação se dá, traçando alguns de seus componentes essenciais, como o diálogo, a codificação e a identidade enredada, além de sua revisão do conceito clássico de subjetividade. Para Flusser, é na comunicação, assim entendida, que o humano vem a ser humano.

PALAVRAS-CHAVE: comunicação; enredamento; código; existência; identidade

ABSTRACT

In Vilém Flusser's thought, communication, culture and existence are radically intertwined. This article aims at presenting how this relationship takes place, tracing a few of its core components, such as dialog, codification and network-identity, in addition to Flusser's own revised notion of the concept of subjectivity. To Flusser, it is through and in communication, thus understood, that the human becomes human.

KEYWORDS: communication; networks; code; existence; identity

1. Introdução

Para Vilém Flusser, existência, comunicação e cultura são radicalmente entrelaçadas. Flusser aborda sob diversos ângulos o tema da existência como situação básica humana, revisitando-o repetidamente ao longo de sua obra. Segundo Flusser, a existência humana é uma condenação à morte. O homem, em seu ser-lançado no mundo, é, desde o início de sua vida, fundamentalmente solitário e carente de sentido [sinnlos]. A existência, conforme a etimologia da palavra (eksistere = estar fora), consiste num estar fora da natureza, num salto para fora da natureza. O salto sobre o abismo é a *origem* do homem; e os “símbolos são instrumentos para transpor o profundo abismo” (FLUSSER, 2003, 76).

Assim, a comunicação – a linguagem [Sprache] – constitui, para o pensador, instrumento imperativo para que o homem possa saltar de uma existência desprovida de sentido e significado [sinn- und bedeutungsfreien]. Esta é a determinação essencial filosófico-existencial de Flusser. Toda ação portadora de sentido é um esforço de evadir o desespero e a ausência de sentido da vida. A projeção de signos e símbolos ajuda o homem a vencer sua solidão existencial, circumtecendo-lhe um universo de significados, um véu de códigos. Por isso, a questão “das condições de possibilidade e modos de comunicação” (HOCHSCHEID, 2006, 464) é central para Flusser, demarca seu ponto de partida antropológico.

Toda comunicação é negentrópica, artifício humano que opõe-se à morte e à dissipação da informação. A comunicação atua como a estrutura básica sobre a qual ergue-se a cultura; esta, por sua vez, preserva a informação: é um fundo gerativo, do qual podem surgir novas informações. Para Flusser, portanto, a cultura consiste em um sistema que contrapõe-se à natureza *sem sentido*. Contudo, Flusser alcança essa perspectiva existencial somente porque cinde, destarte, o homem da linguagem, permitindo que esta seja subsequentemente tratada como invenção humana, como instrumento cujo propósito é evadir a situação básica humana, o absurdo. Tal separação permite estabelecer, em retrospecto, que o sentido e o significado são obtidos mediante a linguagem.

“A finalidade da comunicação humana é permitir-nos esquecer o contexto sem sentido em que nos vemos *-incomunicado*, completamente sós - isto é dizer, aquele mundo, tal qual cela de solitária, em que aguardamos a morte à qual fomos sentenciados: [...] A comunicação humana é um artifício cujo propósito é deixar-nos olvidar a brutal ausência de sentido de uma vida condenada à morte.” (FLUSSER, 2003, 10)

A posteriori a linguagem é, pois, uma das invenções humanas que triunfam sobre a necessidade; e uma vez

que ela nega a entropia e a lei de Mendel, podemos “considerá-la”, junto a Flusser, “como uma marca distintiva humana” (FLUSSER, 2000, 16). A negação da transiência e a resistência à morte são, contudo, provisórias, dado que todas as informações adquiridas eventualmente dissipar-se-ão e entrarão em entropia.

A fugada futilidade entrópica, ademais, pode ser entendida como determinação antropológica, e remete, segundo Flusser, à condição existencial humana. A existência humana é uma tentativa de escapar da morte inelutável mediante a comunicação interpessoal, e, nisso, de conferir à vida um sentido¹. Uma vez que o sentido não está dado no mundo, ele é antes formado *de e pela* linguagem, para então integrar-se ao mundo. Entrecidos, mundo e sentido erigem um universo semântico [Sinnwelt] codificado. Somente diante desse fundo existencial e antropológico podemos compreender a empresa flusseriana de elaboração da comunicação e sua ênfase conferida à comunicação digital em redes. “Em suma, o homem se comunica com os demais; é, enfim, um ‘animal político’, não por ser um animal gregário, e sim por tratar-se de um animal solitário, incapaz de viver na solidão” (FLUSSER, 2003, 10). Nesse contexto, migração e desterro [Heimatlosigkeit] são para Flusser um selo da pós-modernidade e, baseados na sua própria experiência de desenraizamento, funcionam como determinações antropológicas abrangentes de um ser auto-reflexivo, voltado a si mesmo, que busca liberar-se do caos². Tal liberdade fundamenta-se na identidade auto-formativa do homem, que representa, para Flusser, o ponto de partida, a base intersubjetiva e social; essa identidade se desenvolve somente mediante, e desde, a comunicação.

2. A Construção Comunicativa da Identidade

Trataremos agora a visão flusseriana da solidão da existência como originária no homem desde um outro ponto de vista presente em sua reflexão, que revela uma perspectiva quiçá inversa. Falo da imagem flusseriana de uma rede de comunicações entrelaçadas, na qual “nódulos representam os indivíduos humanos e fios simbolizam os meios transmissores de informação. [...] revela-se fútil discutir se a sociedade deve ser boa para o homem (direita), ou se o homem deve ser bom para a sociedade (esquerda), pois o homem aí é tomado isoladamente da sociedade, e esta, por sua vez, é vista puramente abstraída dos enredamentos concretos entre humanos” (FLUSSER, 2000, 17). Flusser não mantém aqui a costumeira compreensão da identidade enquanto crença-no-eu [Ich-Glaube], cuja origem remontaria a um núcleo individual, monolítico. Em nosso entendimento cotidiano, que ainda expressa uma noção iluminista de sujeito, identidade denota a unicidade, indivisibilidade e singularidade de todo ser humano. A identidade forma assim a peça nuclear do ser, da qual

1 Compare com FLUSSER (2000), pgs. 16-17

2 Ver BIDLO (2006), p. 227

deriva, e a partir da qual se desenvolve, a orientação racional humana. Cada um porta consigo um tal núcleo. A identidade pessoal é, em sua continuidade e consistência, perceptível por cada um e pelos outros. Atualmente, a pesquisa sobre identidade contempla aspectos que opõem-se a tal visão, que comprometem a perspectiva do Eu como instância monolítica. Aspectos tais como alienação [Entfremdung], descontinuidades e antinomias também participam na formação identitária, donde emergem identidades plurais e campos identitários que sobrepõem-se uns aos outros. Na sociologia, a identidade do sujeito é formada na mútua influência deste sobre a sociedade e seus valores culturais, mas aí ainda persiste, no fundo, um núcleo interno duro do Eu, que formar-se-ia na constante troca com os outros e com a sociedade. Núcleo esse que o pensamento pós-moderno dissolverá: o indivíduo passa então a ser visto em perpétua e gradual mutação, portador de uma identidade transiente no tempo e com o tempo, mutável conforme a cultura e a sociedade com as quais se relaciona. A sociedade pós-moderna tomou do homem sua condição de habitante [Behaustheit], arrancou-lhe o telhado que protegia a formação identitária estável. O núcleo identitário - antiga representação da filosofia da consciência [bewusstseinsphilosophische] - já não parece adequado aos nossos tempos. Flusser enxerga aí uma oportunidade de considerar o desabrigo [Unbehaustheit] como possibilidade de ação libertadora. Como emblema da construção identitária (se bem que noutro contexto), o homem obtém a chance de «escapar das celas carcerárias que são as casas hodiernas, e de surpreender-nos por ter suportado tanto tempo no lar e em casa, estando a aventura à porta» (FLUSSER, 1998, 71).

O homem torna-se assim o próprio construtor e modelador [Gestalter] de sua vida e de sua identidade, o que vem a ser, por sua vez, um *desideratum* de nosso tempo: “podemos assim resumir a mudança qualitativa pela qual passam as experiências mundanas e a auto-compreensão do sujeito: nada mais é auto-evidente sob sua forma atual, tudo poderia dar-se de outro modo; para cada ação e decisão tomada, tenho consciência de que aquilo poderia ter se sucedido de outro modo e que, contudo, minha decisão fora aquela, e não outra. Eis a inexorável reflexividade de nossas circunstâncias: cabe a mim decidir se abandonarei ou ingressarei em um sindicato ou numa congregação religiosa, ou em ambos. Sobre esse pano de fundo variam as imagens associadas a uma vida realizada ou a uma formação identitária bem-sucedida” (KEUPP, 4): imagens de um surfista ou de um nômade, de gente sem chão [Bodenlosen], que suprem a formação e construção identitários, e que caracterizam uma ruptura com as imagens convencionais. Atualmente impõe-se o aspecto do trabalho identitário consciente, em um mundo no qual o espectro de possibilidades torna-se cada vez mais amplo e plural, e no qual a demanda por uma identidade singular só faz crescer. Nesse sentido, a linguagem é exemplo de “identidade-remendada” (idem, 4). Flusser vê a identidade como um nódulo formado por fios convergentes no interior de uma rede comunicacional, isto é dizer, como adensamento da comunicação interpessoal. A identidade *consiste* em comunicações, em fios comunicacionais.

“Sabemos, a despeito do que nos diz a tradição, que toda uma verdadeira antropologia emerge ao nos considerarmos pontos nodulares em uma rede comunicacional, e não mais identidades autônomas; conseqüentemente, uma existência mais digna será possível se reconhecermos a comunicação como a estrutura fundamental que compomos, e que nos sustenta.” (FLUSSER, 2000, 18)

E Flusser continua do Eu para o Nós, passando no caminho pelo Tu. A representação da subjetividade e identidade singulares é para o homem nada mais que uma muleta, isto é dizer, uma crença, que lhe permite distanciar-se dos objetos e de seus próximos. Esse produto da fé pode também desempenhar efeito inverso, levando o próprio Eu representado à retração e ao encolhimento. Flusser almeja então diluir essa crença, uma vez que vê o homem mesmo como uma difusão digital, um *campo relacional* de nexos interpessoais superpostos. Nesse contexto, a cerzidura mais densa, o nódulo mais carregado de cruzamentos e interseções, forma o Eu, que no entanto constitui-se por uma série de “outros”. São os outros, portanto, que constituem tais pontos de interseção. Nesse sentido, o homem deve ter para si um Tu, a fim de primeiro formar e concatenar seu próprio Eu, e é exatamente esse processo que, ao avançar, caracteriza o passo para o Nós. Contudo, a remoção da crença na casa acolhedora que é o Eu, e sua conseqüente interdição, implicam sobretudo em um diálogo. Essa abertura, pela qual o homem passa a entender-se a si mesmo como um ponto nodular, relacional, em uma rede, o conduz à formação [Bildung] de novas relações interpessoais, à abertura de um campo que poder-se-ia chamar, na linha de Martin Buber, da ordem do “entre” ou do interpessoal; um campo do autêntico Nós, que se constitui quando, transitoriamente, Eu e Tu interpenetram-se e fundem-se em um só. Para Flusser, o objetivo é atingir um estágio desse movimento em que nós já não mais retrocederíamos ao Eu e Tu, mas alargaríamos o Nós e converteríamos sua fugacidade em permanência. A linha de desenvolvimento chama-se “Do Sujeito ao Projeto”:

“A preocupação fundamental desse livro concentra-se na tentativa de estabilizar e apreender esse ‘nós’ inabarcável e passageiro – esse sítio de decisão e responsabilidade; de mostrar que somente esse ‘nós’ é concreto, e que ‘eu’ e ‘tu’ é que são, portanto, efêmeras abstrações. Esse livro busca desmanchar a cápsula tanto do ‘eu’ e ‘tu’ como do ‘isto’[es], e revelar a inviabilidade do sujeito, bem como do objeto, e, desse modo, abrir o campo para o ‘nós’ concreto”. (FLUSSER, 1998, 126)

Ainda que o “nós” seja o sítio de decisão e responsabilidade, um sítio fugaz, a responsabilidade não some com ele; confere, pois, que tanto o Eu como o Tu são investidos de responsabilidade. Responder e responsabilizar são aspectos existenciais do diálogo segundo o judaísmo, que Flusser sintetizará com a dialógica grega em seu próprio conceito peculiar de diálogo. O aspecto da responsabilidade, que abrange o Eu e o Tu, passa então a ser absorvido pelo campo auto-constituente do Nós. Ademais, as representações, experiência e conhecimento

que adquirimos no Nós não somem, mas permanecem como substância [Gehalt] no Eu e Tu que se retiram. Por esta razão, se o Nós se desfaz, desintegrando-se novamente em Eu e Tu, a responsabilidade dobra.

3. Códigos: as etapas do desenvolvimento da cultura

O homem fabrica códigos – símbolos e signos – sobretudo por necessidade de gerar sentido em meio ao caos (o mundo natural). Com eles, o homem tece um véu de significados que, colocado sobre a face do mundo natural, torna-o *apreensível* [begreifbar]. Com isso, as diversas modalidades e tipos de código – sua estrutura e conteúdo – determinam possibilidades de vivência, experiência e compreensão do mundo. Os códigos determinam de maneira fundamental nosso acesso ao mundo e possuem, portanto, uma carga epistemológica. Em um universo de códigos, todos nós somos pré-forjados, pré-definidos e pré-formados. Flusser fala também em programação. Ninguém que habite o interior de um tal universo pode escapar essa pré-programação; e fora desse universo não há humano. Portanto, um mundo desprovido de sentido e significado não logra o homem apreender epistemologicamente, nem tampouco suportar existencialmente³.

É nesse contexto que Flusser sugere a classificação tripartite entre pré-história, história e pós-história. A passagem de uma para a outra torna-se reconhecível quando um código que já não basta mais para explicar o mundo, nem dotá-lo de sentido, entra em colapso, levando-o à substituição por outro código. A transição de um código dominante para um novo traz consigo problemas quanto ao seu uso e apreensibilidade [Begreifbarkeit]. É preciso aprender a lidar com os novos códigos. Como já mencionado, Flusser batiza a primeira etapa da cultura ocidental de Pré-Histórica; a segunda é aquela que nós hoje compreendemos como História linear; e a terceira diz respeito à nossa situação atual, na qual nós (isto é, os ocidentais) nos vemos sobre o limiar de uma nova era histórica e testemunhamos o colapso de códigos: a Pós-História. Em seu livro *O universo das imagens técnicas*, Flusser amplia esse modelo em uma tipologia de cinco fases, a fim de elucidar a escalada da abstração e o distanciamento humano, cada vez maior, do concreto e do imediato. Não se trata, contudo, como frisa Flusser, de uma esquematização da história da cultura, e sim de um modelo que propõe evidenciar as passagens entre cada plano particular⁴.

No primeiro estágio, o “homem natural” e o animal encontram-se encerrados e envoltos por um mundo da vida [Lebenswelt], um espaço-tempo de quatro dimensões, em que a vida se caracteriza pela experiência [Erleben] concreta e como tal se cumpre, imediata. No segundo estágio, marcado pela atuação e ação de nossos antepassados hominídeos, o sujeito confronta-se com uma situação em que imperam objetos tridimen-

3 Ver HOCHSCHEID (2006), p. 465

4 Ver FLUSSER (1999), p. 10 em diante

sionais. Somente na terceira ramificação na escala do desenvolvimento – da abstração –, o estágio do *homo sapiens sapiens*, insere-se um plano intermediário imaginativo e bidimensional entre este e suas circunstâncias objetivas – os fatos, os objetos e, em última análise, o mundo. Esse plano corresponde ao estágio da intuição [Anschauung] e da imaginação, que coincide com o surgimento das imagens tradicionais como, por exemplo, as dos pintores de cavernas. Assim o homem realiza um movimento fundamental de retirada do mundo, rumo à imaginação.

A invenção da escrita há 4 mil anos marca, segundo Flusser, o início do quarto estágio. Com ela interpõe-se um outro plano mediador entre o homem, as imagens e o mundo. O mundo concreto assim recua mais um passo. A partir daí, o homem deverá a maior parte de suas concepções [Anschauungen] à escrita linear. Para Flusser, esse é o estágio (histórico) da apreensão conceitual [Begreifens] e da narrativa. Aí tem início a história linear, tal como a conhecemos até hoje. Em nosso tempo podemos entrever ainda uma outra mudança, uma vez que textos mostram-se cada vez mais inadequados para captar e ilustrar [veranschaulichen] o mundo. “Eles não permitem mais a mediação pictórica; tornaram-se inacessíveis [à intuição]; decompõem-se em partículas pontuais que devem ser recolhidas. Eis o estágio do cálculo e da computação, em que se situam as imagens técnicas” (FLUSSER, 1999, 11). As imagens técnicas são para Flusser marca distintiva do presente e do futuro próximo. Em consonância com a ideia de que a passagem de um estágio para o outro se caracteriza por uma nova codificação do mundo, Flusser distingue na invenção das imagens técnicas uma mídia em tudo inédita e que nada têm em comum com as imagens que as precederam. Essa passagem constitui uma verdadeira revolução cultural. Cabe aqui dizer que os códigos individuais não são completamente desfeitos com o advento de um novo, mas sim que permanecem ao alcance do homem, podendo ser utilizados aqui e ali. Toda alteração de código é análoga a uma mudança do universo codificado e, em certo sentido, do universo sensível, dado que este constitui-se mediante o código que lhe corresponde. Ainda que falássemos de um salto [Sprung], não seria a intenção induzir o leitor a pensar a passagem de uma etapa para outra como uma forma de salto originário. Sob certa perspectiva, a emergência de um novo código pode mesmo dar-se subitamente (como, por exemplo, a invenção da fotografia como marco inicial das imagens técnicas); todavia, é necessário um processo que faça vigorar os novos códigos formados. Um código só pode ser cultivado e diferenciado quando entendido intersubjetivamente, e quando, reversamente, encontra imediata aplicação intersubjetiva. Por isso, certas passagens no esquema flusseriano mostram-se problemáticas. Ao passo que os antigos códigos não podem mais efetuar plenamente sua tarefa de construir sentido, tampouco são completamente compreensíveis os novos: encontram-se no curso do processo de sua aplicação e implementação. Essa situação conduz à crise da cultura, da sociedade e dos indivíduos. E é essa situação que Flusser diagnostica para a pós-história, o período em que nós nos encontramos. Examinemos rapidamente a sequência dos saltos de um estágio para o próximo, que juntos significam a entrada em um novo universo.

Ao contrário do animal, o homem possui mãos; com elas pode alcançar o mundo, agarrá-lo, mudá-lo, informá-lo. O estender-se da mão no mundo refere-se, segundo Flusser, à *ação*, que abstrai o sujeito do mundo, de modo que passa a opor-se ao sujeito um mundo tridimensional, repleto de objetos. Estes, por sua vez, podem ser elaborados: “O resultado é cultura” (1999, 12).

A seguir forma-se a coordenação entre olhos e mãos: é sob o controle dos olhos que trabalham as mãos. Os olhos podem enxergar objetos e formar nexos entre eles; podem abstrair. Elaboramos “cosmovisão” [Weltanschauung] que, mediante as capacidades formadoras [gestalterisch] das mãos, pode ser percebida nas imagens tradicionais. O homem apodera-se e modifica o mundo mediante as imagens nas quais se baseiam [beruhen] suas representações e intuições; este ato de tomar posse e alterar o mundo representa, para Flusser, uma atividade mágica. Como ocorre o salto da imagem tradicional para a escrita; de áreas preenchidas por imagens para conceitos alinhados em série? A imagem tradicional não possui profundidade a ser tocada; a área pintada doa-se, por sua vez, ao tato: deixa-se “tocar” e “apreender” [begreifen] e, uma vez “apreendidas” [begriffen], podem ser narradas. Para Flusser, o gesto de apreensão é decisivo para a transição da imagem para a escrita, pois diz respeito à tradução de representações em conceitos, explicando a imagem. A explicação consiste em apreender a superfície pictorial, em captar [Aufnehmen] a representação com os dedos (e olhos), “desfazendo a área pictorial em linhas”; consiste em “abstrair uma grandeza da superfície pictorial, em reduzir a imagem à unidimensionalidade da linha” (1999, 13).

O universo linear da escrita origina-se na forma de textos, conceitos entretecidos, urdidos uns com os outros. O texto deve ser lido linearmente, em séries ordenadas e regidas por um sistema de regras (gramática, ortografia), a fim de decodificar [entschlüsseln] plenamente o seu significado. Os textos delimitam as imagens do mundo em linhas e estruturam e regulam as *visões de mundo* [Weltbilder], para que assim possam ser *narradas* e explicadas. Tais regras não são, contudo, necessárias (isto é, não são determinadas por leis da natureza), e sim partes do mundo textual. Se as cenas articuladas em texto e as circunstâncias a serem descritas são desfeitas, elas se desintegram em “um enxame de bits informacionais, momentos decisórios e *actomas* [unidades de atos]” (1999, 14). Sobram elementos pontuais desconexos, que representam um universo de pontos. Estes podem ser rearranjados, por exemplo, mediante aparatos, e, com isso, dar à luz a imagens técnicas, aglomerações informacionais. Esse processo representa uma nova fase do desenvolvimento da cultura – a pós-história -, que conduz a novas imagens (de mundo) que podem ser decodificadas pela incipiente técnica cultural da tecnoimaginação. As imagens técnicas são possibilidades emergentes contingentes, concretizadas a partir do universo de pontos. Do mundo textualmente organizado, linear, calculável e narrável, forma-se um mundo de imagens técnicas, cuja atmosfera existencial dominante é o salto, a possibilidade, o acidente e a probabilidade. As imagens técnicas, surgidas mediante os aparatos do engenho humano, devem *informar* e, com isso, agir contra a obstinada “tendência do universo à desinformação” (1999, 23).

É das comunicações que o homem surge. Essa percepção, que Flusser compartilha com outros teóricos, representa uma superação da perspectiva clássica da filosofia da consciência. O Eu, isto é, a identidade, não é pois condição para a comunicação, e sim seu resultado. Portanto, se a comunicação for mesmo tão central para a estruturação da própria existência e se, sobretudo, ela operar na superação do isolamento existencial, os códigos, os agentes desses processos, avançam para o primeiro plano. Os modos de comunicação digitais contemporâneos não são apenas outro véu de codificação, mas em suas diversas modulações penetram profunda e essencialmente a existência humana. Através deles nós somos (co)fabricados e com isso, somos postos em questão [in Frage gestellt]. Como seres comunicativos, nós existimos mediante a comunicação digital. O Facebook, o Instagram, o Twitter e outros serviços similares tornaram-se componentes consagrados da vida (comunicativa). Ainda que creiamos poder ignorar o alcance da comunicação digital e seu efeito sobre nós e nossa existência, mal começamos a compreendê-la. Quando notamos os alunos cada vez mais dispostos a trocar o tradicional quadro-negro pela Whiteboard e a caneta por uma *digital pen*, e a substituírem o caderno por um iPad, o que está em jogo não é apenas o tipo de artefato com o qual nós obtemos, retemos e passamos adiante a informação: também alteram-se, sucessivamente, os nossos modos de vidas, de existência. A velocidade com que as tecnologias e artefatos digitais se desenvolvem, trazendo em seu rastro novas maneiras e formas de comunicar, projetar e disseminar, não poupa-nos tempo para refletirmos filosófica e cientificamente a seu respeito. Nós nos vemos, por assim dizer, no meio de uma pesquisa de campo ao longo da qual podemos observar nossa existência e convívio em transformação. Apesar de tudo - e esse é um aspecto crucial que Flusser não cansava de reiterar - somos convocados a comunicar-nos uns com os outros, para que possamos reconhecer-nos mutuamente como humanos, e *existir*.

- Bidlo, Oliver (2006). **Martin Buber – Ein vergessener Klassiker der Kommunikationswissenschaft?**
- Bidlo, Oliver (2008). **Vilém Flusser. Einführung.** Oldib Verlag, Essen.
- Buber, Martin (1999). **Das dialogische Prinzip.** Gütersloher Verlagshaus, Gütersloh.
- Flusser, Vilém (1998). **Vom Subjekt zum Projekt. Menschwerdung.** Editado por Stefan Bollmann e Edith Flusser, Fischer, Frankfurt/Main.
- Flusser, Vilém (1999). **Ins Universum der technischen Bilder.** European Photography, Göttingen.
- Flusser, Vilém (2000). Die Informationsgesellschaft: Phantom oder Realität? In: Matejovski, Dirk (ed.) (2000). **Neue schöne Welt. Lebensformen der Informationsgesellschaft.** Frankfurt/Main: Campus, p. 204-210.
- Flusser, Vilém (2003). **Kommunikologie.** Fischer Taschenbuch, Frankfurt/Main.
- Hochscheid, Kai (2006). Vilém Flusser: Kommunikation und menschliche Existenz. In: Moebius, Stephan, Quadflieg, Dirk (ed.) (2006). **Kultur. Theorien der Gegenwart.** VS Verlag, Wiesbaden.
- Joisten, Karen (2003). **Philosophie der Heimat – Heimat der Philosophie.** Akademie Verlag, Berlin.
- Keupp, Heiner (sem data). **Fragmente oder Einheit? Wie heute Identität geschaffen wird.** Disponível em http://www.ipp-muenchen.de/texte/fragmente_oder_einheit.pdf [acessado em 28.02.2016].